

**História de uma vida e de muitas linhas:  
notas sobre a trajetória de frei Galvão (1759-1822)**Juliano Florczak Almeida<sup>1</sup>**Introdução**

A biografia tem uma longa trajetória nas humanidades. Levi (1996) afirma que já foi possível fazer *História* apenas contando as *histórias* de indivíduos e suas decisões e atitudes. De modo similar, em algumas correntes da sociologia, a história de vida é bem-vista. A escola de Chicago consagrou alguns anônimos, como os imigrantes poloneses de *Polish Peasant in Europa and America*, de Tomas e Znaniecki (1918). Livros como esse partiam do pressuposto de que, por meio da trajetória de indivíduos, era possível entender o fluxo dos acontecimentos. Por vezes, mesmo o sentido do processo histórico foi identificado com as ações de indivíduos-chave, como reis, chefes de Estados, etc., e suas políticas e artimanhas.

Essa longa trajetória não foi suficiente para a escrita sobre a vida de indivíduos ficasse imune a fortes desconstruções. O próprio Levi (XXXX) lembra que outras Histórias foram escritas como se não houvessem indivíduos ou sugerindo que esses estivessem subsumidos em grandes processos, mais bem documentados por tabelas e gráficos, índices e dados sobre populações inteiras.

Uma das mais conhecidas críticas à história de vida talvez seja a de Pierre Bourdieu (1998). Referindo-se mais especificamente ao subgênero da autobiografia, o sociólogo francês questiona a pertinência dessa metodologia. No seu texto, pode-se captar que o eixo principal da crítica é a “totalização” e “unificação do eu”, pressuposto necessário para tomar *uma vida* como *uma história* (Ibid., p. 184-185). Destaca o papel desempenhado, na produção dessas “divisões nítidas e absolutas”, pelo nome próprio, esse tipo singular de nomenclatura que “[...] assegura a constância através do tempo e a unidade através dos espaços sociais” (Ibid., p.186-187). Falando sobre si, esse eu totalizado “tornar-se o ideólogo de sua própria vida” (Ibid., p. 184): refaz sua trajetória em uma narrativa coerente e raramente tortuosa.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Vinculado ao NER, Núcleo de Estudos da Religião ([www.ufrgs.br/ner](http://www.ufrgs.br/ner)), e ao grupo interdisciplinar de pesquisas SobreNaturezas ([sobrenaturezas.wordpress.com](http://sobrenaturezas.wordpress.com)). Endereço eletrônico: [juliano-florczak@hotmail.com](mailto:juliano-florczak@hotmail.com).

Em alguma medida, a crítica de Bourdieu se assemelha ao modo como de Certeau (1982) entende o discurso hagiográfico. Conforme esse outro escritor francês, a hagiografia se caracteriza por certa predestinação: “[...] hagiografia postula que tudo é dado na origem com uma com uma "eleição" ou como, nas vidas da Antigüidade [sic], com um *ethos* inicial” (Ibid., p. 272). Ainda que justamente por isso de Certeau distinga a biografia da hagiografia, pode-se dizer que Bourdieu percebe algo de hagiográfico nas histórias de vida.

Se essas histórias de vida são marcadas por um eu reificado como uma redoma, o que aconteceria caso as superfícies do biografado fossem postas em suspeita? Tim Ingold (2015) e sua antropologia que segue os materiais feitos linhas sugerem que as coisas, sejam elas objetos, plantas, humanos ou outros animais, não acabam em suas superfícies, as quais apresentam certa porosidade. Assim, um indivíduo, denominada por um nome próprio, como chama a atenção Bourdieu, jamais se constitui como um eu totalizado, pois se esvaem em muitas linhas. Acolhendo a suspeita com relação às superfícies, a história de uma vida seria, então, também história de muitas linhas.

Partindo dessa provocação de Ingold, este texto consiste em notas sobre a trajetória de frei Galvão, um frade franciscano que viveu na virada do século XVIII para o XIX e ficou conhecido como "primeiro santo brasileiro" (BOVE, 1993). Ao apresentar essa trajetória, reconstituída por meio de documentos, entrevistas e observação participante com devotos, objetiva-se salientar como uma vida congrega e, ao mesmo tempo, vaza em muitas linhas, isto é, em muitas coisas e seus vários caminhos. Para compreender vidas como essa, sugere-se o conceito de pessoa-material, que mostra como uma pessoa pode crescer no mundo à medida que seu nome cresce nas coisas e vice-versa. Isso põe em suspeita as superfícies das coisas e implica que, para compreender uma vida, é preciso seguir muitas linhas.

A fim de demonstrar isso, o texto segue a emergência (e os vazamentos) das pílulas de frei Galvão, que remetem não apenas ao frade, mas também a outros religiosos, a divindades, a leigos e outros materiais. Em última análise, trata-se de salientar como as pílulas distribuídas principalmente em Guaratinguetá (SP), terra natal do franciscano, e no Mosteiro da Luz, recolhimento da cidade de São Paulo construído por ele, constituem certo retrato de frei Galvão, à moda das *Quatro Estações* de Giuseppe Arcimboldo ou das fotografias de Vik Muniz. A vida do

sacerdote deixa de ser algo que se inicia no nascimento e acaba com o seu falecimento. Torna-se algo que segue nos caminhos das linhas que atravessam e constroem essa pessoa distribuída (GELL, 1998). Inicialmente, o texto apresenta como as pílulas passaram a fazer parte da vida do santo. Em seguida, descreve o processo de feitura das pílulas, destacando que, pari-passo, está se fazendo o santo. Começamos descobrindo como essas pílulas surgiram.

### **Como as pílulas passaram a fazer parte da vida do santo?**

Algumas histórias sobre frei Galvão são repetidas por quase todos os seus devotos. Estão também em santinhos do santo, em sites e em livros sobre o frade. Uma das histórias mais narradas é a cura do jovem acometido por fortes dores em razão de pedras nos rins. Em um santinho do frei Galvão, recebido no Mosteiro da Luz, a história está assim contada:

Certo dia um moço, que se debatia com fortes dores de cálculos renais, pediu a Frei Galvão que o abençoasse para ficar livre da dor. Frei Galvão, lembrando-se do poder da intercessão da Santíssima Virgem, escreveu num papelzinho o verso do breviário: 'Post partum Virgo inviolata permansisti, Dei Genetrix Intercede pro obis' e mandou o moço ingerir o papelzinho feito em forma de pílula. O moço fez, confiando em Nossa Senhora e expeliu os cálculos sem dificuldade.

Outra versão da narrativa inclui também o auxílio em parto dificultoso. No santinho distribuído pelas irmãs recolhidas no Mosteiro da Luz junto com as pílulas de frei Galvão que elas confeccionam, conta-se assim:

[...] Frei Galvão foi procurado por um senhor, pedindo ajuda para sua mulher que se achava em grave trabalho de parto e com perigo de vida.

Frei Galvão se lembrou do caso do moço curado [dos cálculos renais] e deu ao senhor as pílulas de papel com os mesmos dizeres: (Depois do parto, ó Virgem, permanecestes inviolável, ó mãe de Deus, intercedei por nós). Depois de ter ingerido as pílulas, a mulher deu à luz sem problemas.

Em função desses acontecimentos, frei Galvão se tornou reconhecido como protetor das parturientes e das pessoas com pedras renais. Não é à toa, pois, que, nos registros do Mosteiro da Luz, conste milhares registros de agradecimentos de

fiéis auxiliadas pelo frade no parto ou ao expelir cálculos. Bove (1993, p. 344–347) reproduz um documento em que são contabilizados os registros de graças alcançadas pela intervenção de frei Galvão. Desde 1930 até 1990, quase 24 mil graças foram comunicadas ao mosteiro. O próprio documento apresenta categorias específicas para “parto feliz” e para “rins: cálculos”.

Essa mesma biografia documenta, no entanto, que nem sempre foram usadas pílulas pelos devotos do franciscano. Lascas da lápide do santo eram sistematicamente retiradas pelos fiéis, de modo que mais de uma vez a pedra da sepultura teve que ser substituída (Ibid., p. 312). Esses pedaços de pedra eram depositados em água e, como se deles emanasse certa propriedade benfazeja, essas propriedades eram transmitidas à água, que devia ser bebida por enfermos e outros devotos desejosos de graças, conforme contaram alguns devotos de frei Galvão que conheci.

Talvez as pedras eram usadas concomitantemente com os chamados “papezinhos”. O número de julho de 1917 do jornal *Echo Seraphico*, uma publicação franciscana, testemunha a peregrinação em busca de pedaços de papéis com a frase difundida por frei Galvão:

[...] a confiança na intercessão do Servo de Deus nestes casos [de parturientes] se conservou até hoje. Segundo nos afirmam as Irmãs do Recolhimento da Luz em S. Paulo, não passa dia que não acudam à sua portaria três, quatro pessoas pedindo o papelzinho de seu santo Fundador e que mesmo do Interior mandam buscar, agradecendo todos a Deus o feliz resultado. (FR. B. apud BOVE, 1993, p. 315)

Se vinham três ou quatro pessoas por dia, atualmente, vêm centenas de devotos. Formam-se filas diante da roda em que uma irmã entrega um santinho do frade com a novena e com os papéis contendo a frase. Caso se fique algum tempo na pequena loja do Mosteiro em que são vendidos objetos religiosos, especialmente ligados ao construtor do recolhimento, várias vezes se ouvirá a pergunta: “Onde se distribuem as pílulas do frei Galvão?”

Quando os “papezinhos” se tornaram “pílulas” não foi possível precisar e é uma questão a ser respondida por novos documentos. O que se pode sugerir é que essa mudança talvez testemunhe uma transformação no modo de tratar os corpos

doentes. Se no tempo de frei Galvão os acometidos por pedras nos rins recorriam aos cuidados de frades, atualmente pode não ser diferente e talvez algum religioso seja procurado, contudo provavelmente algum médico, acompanhado por suas cirurgias e *pílulas*, também será requisitado. Talvez as pílulas de frei Galvão indiquem que, como o tratamento médico se tornou hegemônico e há uma crescente medicalização da vida, inclusive os santos distribuem pílulas.

### **Fazer pílulas – e fazer o santo**

Testemunha ou não do processo de medicalização, a distribuição sistemática das pílulas é uma invenção posterior à morte de frei Galvão que reinventa a trajetória do frade. A distribuição das pílulas é também a distribuição da pessoa do franciscano, a qual cresce no mundo como uma pessoa distribuída. O frade vive em cada uma das pílulas<sup>2</sup>. Se, com uma linha, fosse representada a ligação entre frei Galvão e cada um dos “papeizinhos” (e a milhares de outras coisas nas quais vive o santo), seria possível perceber como uma vida se desfaz em muitas linhas.

Essas muitas linhas transformam a pessoa da qual são vazamentos. Em um primeiro sentido, porque o tornam quase onipresente. Alguns pedidos de pílulas vêm de outros países. Em Guaratinguetá, há uma professora de inglês que auxilia a distribuição de pílulas justamente respondendo cartas. Recebeu essa tarefa pela facilidade que tem para entender as mensagens vindas de longe, como a que chegou da Califórnia (EUA) à igreja de Guaratinguetá quando eu estava fazendo pesquisa na cidade paulista.

Mas como são feitas as pílulas que permitem o frei Galvão ir tão longe? Durante minha estada em Guaratinguetá (SP) em fevereiro de 2016, participei da feita das pílulas. Não é possível acompanhar as irmãs do Mosteiro da Luz, pois são reclusas e seus contatos com o exterior do mosteiro é reduzido. Mesmo a distribuição das pílulas é feita, como dito, por uma roda. Já, em Guaratinguetá, além de religiosos, há leigos que se dedicam à produção de pílulas.

Ou melhor: leigas<sup>3</sup>. Cerca de 30 senhoras que se reúnem diariamente em uma grande sala da catedral de Guaratinguetá e fazem milhares de pílulas para

---

<sup>2</sup> Assim como a Virgem Maria e uma infinidade de outras coisas que se espremem nas pequenas pílulas.

<sup>3</sup> Houve homens que ajudavam, mas são minoria.

serem distribuídas. Constituem a Irmandade Frei Galvão. Olga<sup>4</sup>, senhora de 80 anos que coordena os trabalhos da equipe, não soube precisar desde quando a Irmandade se reúne. Pensativa, apenas garantiu: “Desde antes da beatificação”.

Logo no primeiro dia em que conheci o grupo que forma a Irmandade, Olga me apresentou todas as etapas do processo. Preocupou-se em performar certa preocupação com a higiene. O ritual para fazer as pílulas começa com o ritual de higiene das mãos. Em seguida, do local de trabalho. Olga me mostrou que se limpam, com álcool, as pedras de granito que pontilham a mesa de trabalho. O espaço de trabalho é organizado de tal forma que cada cadeira parece ter direito a uma dessas pedras. “Cadê meu frasco de álcool?” é uma frase comum de escutar na sala, ora saindo de uma, ora de outra boca.

A coordenadora também destacou que o material é comestível. O papel utilizado, em forma retangular de 10 cm por 15, é de arroz. E elas o recebem já com a jaculatória impressa 19 vezes por folha. A tinta usada também pode ser ingerida, bem como a cola, que é feita da mistura de polvilho azedo e água. Se é para levar adiante o frade e ser ingerida por seus fiéis, as pílulas devem ser higiênicas e comestíveis.

Essas folhas comestíveis devem ser enroladas de modo a ficarem uma espécie de fino cano. Cortar é o próximo passo. Várias das voluntárias não gostam de executar essa tarefa. “As outras reclamam que suas mãos doem quando cortam. As minhas não doem”, asseverou Olga, que já recebeu o título de “cortadeira”. Ela me passou os detalhes de seu ofício. É preciso descartar as pontas do rolinho, onde não há a oração. Corta-se sobre uma bacia, que recebe a chuva de pílulas recém-cortadas. Algumas dessas pílulas, contudo, talvez descontentes em permanecerem restritas à bacia, almejam aventuras maiores e caem no chão, voam pela mesa, buscam o colo da cortadora ou do antropólogo que a auxilia. Olga se mostrou rígida com essas pílulas: “São incineradas”. Explicou que não são higiênicas o bastante para levar o frade adiante e tampouco podem ir ao lixo comum, que não é entendido como um lugar digno para um santo.

Em seguida é o momento de fazer os “pacotinhos”. “Está colocando certo, Juliano? Está indo três em cada pacotinho?”, perguntava Olga, sempre vigilando seu

---

<sup>4</sup> Os nomes foram trocados por pseudônimos.

aprendiz. A preocupação de Olga se justificava: a novena em que se pede a intercessão do frade envolve a ingestão de três pílulas, uma no primeiro, outra no quinto e a última no nono dia. Por isso, cada “pacotinho” precisa ter três pílulas.

Esses pacotinhos, acompanhados de santinho, são colocados dentro de um pequeno saco plástico. Então, estão prontos para receber a bênção, que pode ser durante uma celebração eucarística ou não. “Quando é preciso, eu arrumo tudo aqui e chamo o diácono para benzer, porque sem bênção não dá”, contou Olga.

Durante todas essas etapas, chama a atenção a latência da questão da autoria. Algumas colegas reclamam de outras cujo trabalho não lhes parece bom. Cada trabalhadora tem seus materiais e guarda seus produtos em separado. Cada etapa tem a sua especialista: Olga é conhecida por cortar, outra senhora, por enrolar, etc.. Mas ao final, as pílulas são todas de uma só pessoa. Do frei Galvão, que recompensa os serviços prestados. A imagem do santo que figura na sala parece sorrir para as senhoras – e apenas para elas, também recebedoras muitas graças. De qualquer forma, o frade encompassa o trabalho dessas mulheres, que se torna imperceptível para muitos fiéis que ganha um trio de pílulas. É como se o próprio frei Galvão seguisse fazendo e distribuindo para devotos e enfermos.

Não apenas o frade parece seguir fazendo as pílulas. Cada passo da feitura dessas é também parte da composição da pessoa distribuída do frade. As senhoras que enrolam, cortam, fazem os pacotinhos ou os colocam nos plásticos junto com o santinho, não fazem somente novenas das pílulas de frei Galvão. Fazem o próprio frade.

\*\*\*

Fazer pílulas é refazer o frade e também contribuir para fazer o santo. E isso é outro motivo pelo qual essas pílulas-frade transformam frei Galvão. Para ilustrar isso basta acompanhar a graça que, decretada milagre por Bento XVI, colocou o nome de frei Galvão no cânone romano. “Trata-se de um duplo milagre, pois aconteceu com a mãe e a criança”, adverte um boletim do Arquivo Memória de Guaratinguetá (MUSEU FREI GALVÃO, 2007). Sandra Grossi de Almeida tinha “útero bicorné”, uma formação do útero que reduzia o espaço para formação e desenvolvimento de fetos. Em razão disso, em 1993 e 1994, sofreu três abortos.

Não obstante, no final da década de 90, Sandra novamente engravidou. Depois de uma gravidez considerada de alto risco, Enzo veio à luz por meio de uma

cesariana. O pequeno Enzo nasceu com graves “membranas hialinas”, uma doença, que, no entanto, foi curada em curto espaço de tempo.

Tanto o sucesso da gravidez quanto a brevidade da cura do recém-nascido foram relacionados à ação do frei Galvão, conforme relatou a postuladora do processo de canonização, irmã Célia Cadorin (apud *Ibid.*, p. 4):

O êxito favorável deste caso raro foi atribuído à intercessão do Beato Frei Antonio de Sant’Anna Galvão, que foi desde o início e durante toda a gravidez invocado pela família com muita oração e por Sandra, que além das novenas contínuas que fez, tomou também as ‘pílulas de Frei Galvão’ com fé e a certeza da ajuda do ‘homem da paz e da caridade’, ou seja, do que logo invocaremos como Santo.

Apenas por meio de uma intrigada concepção de agência essas pílulas são capazes de promover curas milagrosas como a de Enzo e sua mãe e, assim, contribuir para fazer o santo. Como já dito, as pílulas envolvem a jaculatória difundida por frei Galvão. Escrita em latim, essa jaculatória invoca a intercessão da Virgem Maria: “Depois do parto, ó Virgem, permanecestes inviolável, ó mãe de Deus, intercedei por nós”. Já a oração da novena em que se sugere ingerir as pílulas, invoca a Santíssima trindade:

Santíssima trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, eu Vos adoro, louvo e Vos dou graças pelos benefícios que me fizestes. Peço-vos por tudo que fez e sofreu o vosso Santo Antonio de Sant’Anna Galvão, que aumenteis em mim a fé, a esperança e a caridade, e vos digneis conceder-me a graça que ardentemente almejo. Amém.

Em seguida à oração, recomendam-se as rezas do Pai Nosso, Ave Maria e Glória ao Pai, que implicam em mais invocações. Todo um panteão é requisitado para auxiliar Sandra, Enzo e outros devotos de frei Galvão.

Conforme as regras do Vaticano<sup>5</sup>, não poderia participar desse panteão nenhum *concorrente* de frei Galvão (outro santo ou candidato ao cãnone), ao custo de não servir para fazer o santo. Isto é, caso a Sandra ou seus familiares também tivessem invocado outro intercessor, a autoria da intercessão e, em última análise, do milagre, seria duvidosa e o milagre não poderia ser atribuído ao frade. A exceção

---

<sup>5</sup> Sobre processo de canonização, cf. Peixoto (2006).

cabe justamente à Santíssima Trindade e à Virgem Maria. Considera-se que a ação desses está sempre presente e, portanto, é como que diluída.

Como Sandra e seus familiares não repartiram suas preces, rogando a outros santos, frei Galvão foi tomado como o autor do milagre. E assim, pôde ser declarado santo. No dia 11 de maio de 2007, o papa Bento XVI, em sua visita ao Brasil, presidiu a celebração da canonização.

Para que a santidade fosse assim reconhecida, o papel desempenhado pelas miúdas pílulas não foi pequeno. São elas que fizeram e fazem o nome do frade circular e, assim, como já visto, frei Galvão crescer. São elas que invocam a ação da Virgem nas causas, provavelmente facilitando a consecução das mesmas. Por isso, fazer pílulas é também fazer o santo.

Isso faz de frei Galvão uma pessoa que “venceu a morte”. De fato, segue vivendo mesmo após seu falecimento. Vive em imagens, pílulas, museus e cresce no mundo. As vidas de outras pessoas também não acabam na morte, pois vazam e seguem existindo. Em se tratando de um cristão, contudo, isso adquire um sentido teológico. Jesus é, por excelência, o humano que venceu a morte ao ressuscitar. Graças ao trabalho de Olga e suas companheiras, das irmãs do Mosteiro da Luz, das orações de Sandra e outros devotos e de uma infinidade de outros agentes, frei Galvão segue vivendo e isso o aproxima da Jesus, que, por sua vez, aproxima a humanidade da divindade.

### **Considerações finais - frei Galvão como uma pessoa-material**

A biografia, apesar de ter longa tradição nas humanidades, foi alvo de duras críticas. Como visto, um dos principais questionamentos feitos especialmente à autobiografia é a unificação do eu: desde seus princípios, o indivíduo é tomado como predestinado a traçar certo caminho (BOURDIEU, op. cit.). De Certeau (op. cit.) observou um problema similar no discurso hagiográfico.

Tratando justamente da biografia de um santo, este texto tentou desconstruir essa unificação do eu a fim de traçar um percurso diverso para o gênero biográfico. Ao invés de focar o período entre o nascimento e a morte, o artigo procurou dar destaque à vida e às transformações da pessoa de frei Galvão ocorridas depois de seu falecimento. Por outro lado, colocou-se relevo na distribuição da pessoa do frade, especialmente, na trajetória das pílulas do frei Galvão.

Acompanhando o caminho dessas pílulas, puderam-se observar alguns pontos que merecem ser ressaltados. Primeiro, sugeriu-se que as pílulas são invenções posteriores ao falecimento do frade que o reinventam. Isso remete ao segundo ponto, a saber: que os movimentos e, portanto, a vida, segue, a despeito da morte. Esse segundo ponto se liga à cosmologia cristã e aproxima o frade a Cristo.

Outro ponto a ser recordado é o fato de que a distribuição de pílulas é também a distribuição da pessoa do frade. Frei Galvão vive em cada uma das pílulas feitas por Olga e suas colegas, pelas irmãs do Mosteiro da Luz e assim por diante. Sua vida pós-morte também tem, portanto, uma dimensão na “materialidade”. Ao mesmo tempo, isso serve para o crescimento de uma reputação, de um “nome”, o qual cresceu a tal ponto que foi incluído no cânone católico. Há, pois, um movimento que não se restringe à “materialidade”, nem tampouco ao “discursivo”. Acolhendo o sentido que Ingold (2015) dá ao material, sugere-se tomar a pessoa de frei Galvão como uma pessoa-material. Isso para enfatizar que uma pessoa não se restringe ao corpo biológico, nem à “materialidade”, nem ao “nome” crescido, entre outras coisas, pela distribuição das pílulas. Uma pessoa-material é uma junção evanescente de muitas linhas.

## **Referências**

- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. DE M. (Eds.). . *Usos & abusos da história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 183-191.
- BOVE, C. M. *Frei Antônio de Sant'Anna Galvão (Antônio Galvão de França): posição sobre vida, virtudes e fama de santidade*. Roma; São Paulo: S.Ed., 1993.
- DE CERTEAU, M. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- GELL, A. *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon, 1998.
- INGOLD, T. *Estar vivo - Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- LEVI, G. Usos da biografia. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. DE M. (Eds.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 167–182.
- MUSEU FREI GALVÃO. O milagre de frei Galvão. *Arquivo Memória de Guaratinguetá*, v. 265, p. 4, 2007.
- PEIXOTO, M. C. L. *Santos da porta ao lado: os caminhos da santidade contemporânea católica*. [s.l.] Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- THOMAS, W. I.; ZNANIECKI, F. *The Polish peasant in Europe and America: V.1*. Boston: The Gorham Press, 1918.